

Cenário para re-escrever a história.

O nosso modelo para a captação dos eventos históricos não mais é o conto, mas o filme. De forma que podemos fazer "cortes", "flashbacks", "acelerações e retardamentos". E, sobretudo, podemos assumir a posição de produtor de filme que manipula a fita da história da humanidade. Proponho a seguinte operação: cortemos a fita em determinado ponto, joguemos toda uma série de cenas subsequentes, e colemos o resto da fita no ponto do corte. Sugiro que cortemos a fita no ponto marcado "200 d.C.", e que colemos tal ponto no marcado "1400 d.C.", na esperança que, com a perda de uns 1200 "anos" a fita será mais consistente e mais divertida.

Com efeito: os 1200 "anos" que proponho jogar fora, essa série de cenas confusas, pouco ou nada contribuem para o desenvolvimento do tema principal da fita, e servem apenas para complicar o enredo. Não nego que o trecho a ser eliminado contém cenas muito bonitas, e que sua falta será ressentida por múltiplos cinófilos, sobretudo os islâmicos e os gotizantes. Numerosos críticos de filmes objetarão que eliminando figuras como Carlos Magno ou Dante, e cenários como Córdoba ou Cluny, o filme será empobrecido. Mas o segredo da criação artística é saber eliminar o supérfluo, até quando este supérfluo é belo. Alias, quem melhor formulou tal segredo ao dizer "entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem" foi um dos atores do trecho a ser eliminado: Occam.

Defenderei os dois pontos na fita, sobre os quais deverá incidir nossa tesoura, pelas considerações seguintes: Até 200 d.C., a fita consiste de argumentos díspares, provindos de cenários dispersos, (Egito, Mesopotâmia, Persia, Palestina, Grecia, Italia e outros), argumentos estes que convergem, todos, sobre um único ponto: Alexandria. Em 200 d.C. a camera focaliza esse ponto de convergência dos eventos. Nos trechos seguintes passa ela a movimentar-se erraticamente em "travellings" inconsistentes: dispersa a atenção do espectador desnecessariamente. Vascila ela entre Roma, Bizâncio, Ravena, Granada, Aix-la-Chapelle, Palermo, Borgonha, Provença, Alemanha central, Flandres, sem que se possa discernir o propósito do produtor em tudo isto. Finalmente, em 1400, a camera passa a focalizar Florença, e retoma o fio do argumento que tinha abandonado em Alexandria. Daqui em diante a camera vai percorrendo roteiro mais consistente, em direção geral rumo ao noroeste.

Sugiro que o trecho a ser eliminado, por interessante que seja, serve apenas para borrar a trama geral da fita. Que é, essencialmente, esta: Argumentos provindos de várias fontes em torno da bacia do Mediterraneo oriental são reunidos para formarem "mensagem" unificada, e tal mensagem, enriquecida por outras fontes subsidiárias, vai se deslocando para o Atlantico norte, para assumir, no final do século 19, o poder sobre o globo. As últimas cenas da fita tratam dos desafios e das contestações, externos e internos, ao poder destarte estabelecido. Tal trama geral seria nítida, não existisse o trecho a ser eliminado. E a pior das confusões provocadas no espectador é que este vai esquecendo, na profusão das imagens, o ponto crítico da trama: Alexandria. O propósito fundamental do corte proposto é o de salientar a cena alexandrina, e destarte permitir ao espectador leitura mais coerente da fita. E compreensão mais adequada das cenas finais, às quais estamos assistindo.

No entanto, é obvio que não podemos simplesmente colar o ponto na fita marcado por "1400" ao ponto marcado "200", e fazer de conta que estamos no século 8. O trecho a ser eliminado contém, a despeito da sua redundância, elementos que fazem progredir a trama da fita, e, se fosse simplesmente eliminado, a história ficaria truncada. Devemos intercalar, entre "200" e "1400", trecho novo que ligue Alexandria com Florença. E tal trecho, para ser funcional no enredo da fita, deve ocupar o comprimento de aproximadamente 200 "anos", que é comprimento suficiente para servir de ponte a cobrir a distância geográfica e cultural entre tais duas cidades. Isto terá a vantagem estética adicional que estaríamos, presentemente, vivendo o final do século 10, e encarando o "milênio", em vez de estarmos nos aproximando do terceiro milênio, que é marca sem muito valor simbólico, francamente profana. A nossa tarefa enquanto produtores do filme será pois de produzirmos história que se passe entre 200 e 400, com os cenários e as personagens apropriadas. História que transporte organicamente o sistema ptolomaico para a Signoria. E que faça de Athanasio avô ou bisavô espiritual de Savonarola.

Dois são os problemas que se põem para a produção de tal trecho de fita. (1) Quais os elementos do trecho eliminado que devem ser conservados, e quais abandonados? (2) Aonde localizar, geograficamente, os eventos? Quanto a (1), proponho o seguinte: Conservemos, em primeiro lugar, o cristianismo alexandrino, com sua dialéctica interna entre arianismo e athanasismo, afim de explicar o movimento da reforma. E eliminemos o Islam da história ocidental, para relegá-lo para a história do Oriente médio, com a Persia e Bagdad como centros. Isto é: permitamos aos árabes que conquistem o Turquestão, a Índia e parte da África, mas impeçamos-os a conquistar as terras mediterrâneas, e sobretudo Alexandria. Em segundo lugar conservemos os judeus alexandrinos em sua oposição e afinidade com o cristianismo, afim de explicar a influência que terão sobre a cultura do século 19, (que passa a ser o século 9). E eliminemos os judeus espanhóis em sua função, (agora supérflua), de tradutores entre o Islam e a cristandade. Conservemos, em terceiro lugar, os textos filosóficos e científicos da biblioteca alexandrina, afim de explicar o movimento renascentista. E eliminemos a perda de tais textos, (salvo umas poucas obras de Aristoteles), e com isto o desnecessário aristotelismo dos 1200 anos sacrificados. Conservemos, em quarto lugar, o misticismo gnóstico alexandrino, afim de explicar o fanatismo e a bruxaria barrocos, e o elemento místico que subjaz à ciência moderna. E eliminemos o academismo naturalista da arte alexandrina tardia, já que não mais teremos a explicar o primitivismo da arte pré-carolíngia. Conservemos, finalmente, o Imperio romano, afim de explicar a latinização do Ocidente. Mas eliminemos a sua divisão, já que Constantinopla jamais será construída.

Quanto a (2), sugiro que a nossa história se passe na Sicilia, e que Palermo seja o elo que ligue Alexandria com Florença. Essa nossa Palermo não será, por certo, a que conhecemos da fita que está sendo dada atualmente nos nossos cinemas: a cidade de Frederico II. Esse monarca, por mais fascinante que seja, jamais deve ter existido. A nossa Palermo será cidade helénica, herdeira da Magna Grecia, meio ariana, meio católica, cidade que fale italiano, que tenha forte população judaica, e que seja governada por príncipes germanicos, (vândalos, godos, normandos, pouco importa). O importante é eliminar os sarracenos.

Eis pois a história, conforme proponho conta-la: No início do terceiro século o Imperio se vê ameaçado pelos germanos no norte, e pelos árabes persificados no oriente. Como a ameaça oriental é a mais temível, permite ele aos germanos de se infiltrarem em toda parte, e de assumirem as rédeas do governo. Um dos Imperadores germanicos, (chamemo-lo Carolus Maximus), derrota decisivamente o Imperio árabo-persa, sacrificando Arabia Felix e Asia Minor, mas conservando a parte ocidental do antigo imperio seleucida, (Siria e Palestina), e o Egipto. Estabelece-se limes oriental que substiste por duzentos anos. A luta entre Roma e o Califado, (o qual é islamico, mas pode ter todas as características bizantinas e ortodoxas que queiramos), e as destruições causadas pelos germanos invasores, empobrece as camadas mais desfavorecidas da sociedade, e estas se cristianizam. Um sucessor de Carolus, (chamemo-lo Constantino), se converte, em torno de 280, ao cristianismo. Mas não consegue estatizá-lo, porque a parte goda do Imperio, (Italia e Espanha), é ariana, e a parte normanda do Imperio, (Egipto, Grecia, Siria-Palestina), é athanasiana. A tal tensão ideológica se acrescenta outra, económica e social esta, entre Roma e Alexandria. Para conservar a unidade imperial, um outro Imperador, (chamemo-lo Fredericus Pius), transfere a capital para Palermo, em torno de 320. A Academia ateniense, a biblioteca alexandrina, as escolas monásticas italianas, francezas, e irlandezas, e os centros talmúdicos mudam para Palermo. Mas começa a surgir nova classe social, baseada sobre os lentos, mas nítidos avanços técnicos, a classe artesanal da burguesia. Como os grandes mercados de tal classe se encontram no norte do Imperio, os burgueses se revoltam contra o centralismo imperial, e acabam, em torno de 380, a destruí-lo. Surge toda uma série de cidades independentes, entre as quais Florença é a mais importante, e toda uma serie de reinados independentes, os quais reconhecem o Imperio apenas formalmente. E estamos em 400, e a historia corriqueira pode ser retomada a partir deste ponto.

Os duzentos anos destarte descritos são extremamente ricos em eventos culturais, dada a relativa paz que reina, e dada a facilidade de intercambio de ideias que a estrutura imperial oferece. Mas, em todos os campos, tais eventos são carregados de tensão explosiva. Trata-se sobretudo da tensão entre a filosofia e ciencia gregas, e o pensamento existencial e religioso judeu, mal sintetizados pelo cristianismo. Mas há outras tensões, não menos perturbadoras e fertilizantes, que irrompem periódicamente. Sobretudo há constantes incursões culturais, provindas do "outro" imperio, e que se manifestam como movimentos maniqueus, por exemplo o dos cataros. Simultaneamente vão sendo absorvidos, pensosamente, os elementos culturais celtas e germánicos, já que a população rural celta, e a classe dominante permanica, embora superficialmente romanizadas e cristianizadas, continuam viver de forma pagã até praticamente o final do trecho fílmico que estamos produzindo. Quanto à herença egípcia, (não esqueçamos que o Egipto continua fazendo parte do Ocidente), esta continua a perturbar a tendência rumo à teoretização do pensamento, e o perigo de "coptização do Ocidente", (termo demagógicamente abusado), representa perigo constante. Por certo: o grande sintetizador da época, (chamemo-lo Thomaz de Aquinas), procura, em torno de 350, estabelecer uma Summa, e simultaneamente outro sintetizador, (chamemo-lo Maimonides), procura fazer o mesmo do lado judeu. Mas ambos falham.

No início do período a ser por nós produzido, o Imperio é oficialmente bilingue: latim e koine. No entanto, cedo surgem, em Palermo, textos profanos, tanto em forma de alexandrinos quanto na das trovas, que recorrem ao latim vulgar, e as linguas dos bárbaros germânicos passam lentamente também a serem escritas. Simultaneamente o aramáico vai se tornar lingua dos textos teológicos e místicos em Antioquia e Alexandria. De um modo geral, a literatura da época pode ser classificada segunda a lingua utilizada: ciência e filosofia em grego, poesia, romance e teatro em linguas vulgares, teologia e disciplinas esotéricas em arameico e hebreu, documentos legais e administrativos em latim. Tal complexidade linguística vai contribuir para a desintegração do Imperio no final do século 4.

O cristianismo, ideologia oficial do Imperio, jamais vai ser integrado na estrutura do Estado. O Imperador se vê confrontado com o Papa athanasiano em Roma, e com o Patriarca ariano em Alexandria. No final do período por nós produzido, no instante mesmo da decomposição do Imperio, o arianismo vai ser submerso, e suas teses vão ser absorvidas, cem anos depois, pelo protestantismo. O Papado do renascimento do século 6, (ex-século 16), vai ser profundamente arianizado. Mas o tempo todo vai haver outra ideologia, a maniqueia, a qual vai contestar o cristianismo. Em 280 um teologo cartaginense, (chamemo-lo Agostinho), vai tentar enfrentar os maniqueus com argumentos tanto formais quanto existenciais, sem êxito efetivo, e seus esforços vão ser retomados, uns duzentos anos depois, por Lutero e Calvino. A época a ser por nós produzida vai ser marcada, de modo geral, por fanatismo religioso: luta entre arianos e athanasianos, entre cristãos e maniqueus, pogroms dos judeus, e guerras constantes com o Califado, que vão assumir a forma de cruzadas, (não para libertar Jerusalem, e qual continua romana, mas para eradicar o Islam). Esta última face das lutas religiosas vai assumir novo aspecto com as invasões turcas no final do século 4.

A cena filosófica não vai ser menos movimentada. A filosofia oficial vai ser o neo-platonismo, codificado por pensador egípcio que ensina em Palermo, (chamemo-lo Plotino). Do lado disto haverá duas correntes principais: a judaizante, provinda de Philon de Alexandria, e a cientifizante, originária do Museu de Alexandria, e codificada, em Palermo, por filósofo de origem germanica, (chamemo-lo Duns Scotus). O lento desenvolvimento das ciências, com o conseqüente aparecimento da burguesia, e a confluência do experimentalismo científico com práticas herméticas, (alquimia, astrologia, kabbala), vai, no entanto, desviando o interesse filosófico de problemas teologicos e existenciais para problemas epistemológicos e políticos, e, no final do período por nós produzido, a filosofia vai se alinhar com a ciência contra as várias teologias.

No campo das ciências haverá dois desenvolvimentos paralelos. O das ciencias "puras", (geometria, lógica, e álgebra um pouco mais tarde), baseado sobre a teoria grega. E o desenvolvimento das ciências "aplicadas", (astronomia, geografia, mecânica, medicina), fortemente influenciadas pela magia egípcia e pelo hermetismo. Tais dois desenvolvimentos serão sintetizados apenas no renascimento florentino. O sistema euclidiano resistirá, a despeito de críticas ao seu terceiro postulado, e a lógica aristotélica, a despeito da crítica ao "tertium non datur". O sistema

ptolemaico se verá contestado por sistemas heliocentristas desde a sua origem, e, no final do período por nos produzido, a convicção da possibilidade de circumnavegar a Terra vai ser comum entre os intelectuais de Palermo. Durante a época toda expedições marítimas vão ser organizadas em Cartago para explorar as costas ocidentais africanas, e, no final do período, o centro das navegações vai ser transferido de Cartago para Sagres. Em mecânica, a luta surda entre atomismo e dinamismo, (Demócrito e Heraclito), não vai impedir a construções de máquinas, (sobretudo hidráulicas), sempre mais eficientes, mas sua aplicação prática será retardada por falta de burguesia suficientemente poderosa. Em medicina, o sistema de Galeno será constantemente elaborado, e o ensino da medicina formará um dos centros da universidade de Palermo. A impressão que se terá, durante a época toda, é que será preciso rempor-se o academismo científico alexandrino, e que "revolução científica" está se preparando. Esperava-se por tal revolução sobretudo no campo da química, com sua busca da fonte da juventude e da pedra da sabedoria.

Tal cientifismo racional vai de mãos dadas com um misticismo onipresente. Seitas herméticas e práticas mágico-místicas abundam. Hermes Trismegistos, essa síntese entre elementos egípcios, gregos, judeus e cristãos, (o deus egípcio lunar Toth enquanto fonte de toda ciência e de toda revelação), é texto tão importante quanto o são Platão, a Bíblia e Mani. Durante decênios os Livros herméticos são ensinados oficialmente em Palermo por pregador germanico, (chamemo-lo Mestre Eccartus). Ordens monásticas místicas se espalham pelo Imperio, e tanto o cristianismo quanto o cientifismo procuram, em vão, absorver esses movimentos. No entanto, serão estes movimentos que contribuirão decisivamente para a revolução científica e religiosa do Renascimento. O elemento gnóstico, que pervade a modernidade, e que vai explodir no século 10, (ex-20), se deve a eles.

A cena da arte espelha tal contradição entre racionalismo e misticismo. O estilo helenista alexandrino, com sua perfeição técnica e seu naturalismo, vai ser transcendentalizado e sublimado pelo estilo de Palermo, sem que se perca a unidade de desenvolvimento. Exemplo de tal transformação, em arquitetura, é Monreale, (290). A música, baseada sobre o canto litúrgico judeu, vai absorver a estrutura grega, e vai explodir, na metade do quarto século, em polifonia da "ars nova", graças a compositor bárbaro, (chamemo-lo Machaut), com sua célebre "Prise d'Alexandrie". Importante, para o futuro desenvolvimento da arte, é a invenção da tela de tecido a ser coberta de óleo, em torno de 320. A utilização da perspectiva, implícita na geometria euclidiana, se tornará comum graças a pintor sienense, (chamemo-lo Simone Martini, 283-344). De modo geral, a passagem do estilo alexandrino para o florentino é marcada pela sua cristianização em Palermo.

O evento social e econômico mais importante durante a época a ser por nós produzida, é a lenta decadência do latifúndio, e a subida das cidades, sobretudo das italianas. Palermo jamais alcançará o cosmopolitanismo sub-proletário de Roma e Alexandria, e será mais foco cultural que econômico e social de sociedade em transformação progressiva. A subida de Florença apenas selará o destino de um centralismo imperial condenado. O trecho fílmico a ser produzido representa a transição orgânica da época antiga para a modernidade.

Se, feito o corte proposto na fita, e substituídos os 1200 "anos" confusos por 200 "anos" mais prováveis, assistirmos no filme da história do Ocidente, muito aspecto, até agora obscuro, se esclarece. O Renascimento é visto, não mais como volta confusa para uma Roma e uma Atenas míticas, mas como retomada do tema alexandrino. A Reforma é vista, não mais como luta intestina no seio da Igreja, mas como continuação da contenda que caracteriza o cristianismo desde a sua origem. O barroco não é mais visto como revolta racional e mística contra o Renascimento, mas como autêntico herdeiro de Alexandria. E a ciência moderna não mais é vista como espécie de milagre que surge por geração espontânea, mas como continuação necessária da ciência alexandrina. Com Palermo intercalado, tudo se torna, repentinamente, transparente. E transparente se torna também o final da fita. A síntese de tendências incongruentes, iniciada em Alexandria, vai se finalmente decompondo, e o "milênio" vai se aproximando inexoravelmente.

Mas tal coerência e transparência da história ocidental, conseguida graças à nossa manipulação da fita, será realmente desejável? Não seria preferível conservar o clima de confusão e do absurdo que banha a fita tal que a conhecemos? A "realidade", (não importa o significado do termo), não seria, precisamente, caracterizada pela confusão e pelo absurdo? O que fizemos, com a eliminação da Idade média, e com sua substituição por época mais "lógica", foi espécie de futurologia às avessas. O resultado, embora satisfatório do ponto de vista da consistência interna da história, não convence. Talvez não convence futurologia alguma? De modo que o desfecho da fita, atualmente tão previsível, poderá perfeitamente ser outro, confuso e absurdo? É esta a "compreensão mais adequada das cenas finais", que prometi neste artigo.